

O ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.
Horrido Espectro me atormenta em sonhos.

Lisboa, 22 de janeiro

As noticias das provincias são todas favoráveis á causa popular.

O Saldanha anda vagando pela Beira sem se atrever a encarar a cidade eterna. As suas tropas acham as terras despovoadas, e apenas ellas passam, as povoações insurgem-se e proclamam a junta do Porto.

No dia treze entrou uma força popular em Abrantes aonde tomou aos cabralistas uns 400 e tantos mil réis.

As forças populares da Guarda entraram em Castello Branco. Ninguém reconhece o governo de Lisboa.

O general Povoas tomou o commando das Beiras, como annunciou o nosso correspondente do Porto. O *Diario* de hoje confirma esta noticia. Os realistas d'estas provincias uniram-se á junta do supremo governo do reino.

Do Minho transpiram as noticias mais satisfatorias. O governo tem tido novas de lá, e não as tem publicado. Em Traz-os-Montes reina o mais decidido enthusiasmo pela causa popular.

No Alemtejo as forças absolutistas de Shwalback estão em grande apuro, e não tardará que sejam repellidas até Lisboa como ainda ha pouco o foram. O Algarve tem numerosos batalhões promptos a tomarem a offensiva.

Os povos do Alemtejo prestaram-se com a melhor vontade a secundar a causa popular, e hostilizam abertamente os Cabraes. Isto confirma-se por um officio do barão de Estremoz que abaixo publicamos.

Pela seguinte carta do conde de Mello em data de 11 do corrente se conhece o verdadeiro estado d'aquellas provincias. Eil-aahi:

«Hoje entraram n'esta cidade (Evora) 11 peças de calibre 12 e 18, e mais de 2:000 balas que mandei vir de Monsaráz e Mourão; devendo notar-se que os lavradores offereceram

gratuitamente os seus carros, e bois, e o povo é que as veio escoltando até 5 legoas d'esta cidade aonde foi buscar a minha cavallaria sem que d'Elvas ou d'Estremoz se atrevesse a sabir alguém para disputar esta marcha. Quatro dias gastaram no caminho, e os valentões cabralistas ficaram muito encolhidos vendo assim augmentar os meus meios de defeza.

«Tive hoje officios do Algarve. Ali tudo respira guerra: organisa-se como por encanto uma força de cavallaria; compram-se armas, equipam-se cavallos, alistam-se soldados, e faz-se um parque d'artilheria. Além de 6 batalhões que ha no Algarve, está-se formando um corpo de mil bayonetas, do qual já tem 500, e optimos officiaes. A minha divisão terá brevemente 4:000 homens, e os que já tenho estão bem armados, fardados e pagos em dia.

«O corpo do Galamba que tem officiaes de linha, e se compõe quasi todos d'antigos soldados, está um bellissimo regimento de cavallaria com optimos cavallos. O provisório de cavallaria está lindo, e o de infantaria de apresentados, que passam já muito de 200 soldados, hoje estão todos uniformizados quando ainda ha dias se viam soldados da municipal, dos navaes, de caçadores, e de artilheria; e todos estes soldados são commandados por officiaes de linha.

«Os povos da provincia pedem uma leva em massa, e se eu assentar acceital-os terei immensos mil homens.

«Não se faz idéa de como o espirito publico está animado.—Entrou em todos a convicção de que é melhor fazer um esforço por uma vez do que pequenos sacrificios por vezes.

«Uns cabralistas de ao pé de Moura armaram uma guerrilha de 20 cavallos, quizeram entrar em Moura, mas sendo perseguidos pelos patriotas d'ali, refugiaram-se n'um povo de Hespanha chamado—Gallego—e ahi os carabineiros hespanboes desarmaram-os e levaram-lhes os cavallos, o que se attribue a novas ordens vin-

das de Madrid em consequencia de reclamações energicas do governo inglez.

«Foi á margem do Tejo uma força de guardas nacionaes de Portalegre de 50 homens de baixo do fogo dos cabralistas, apanharam um bote, e indo uns poucos á outra margem aonde os cabralistas tinham amarrado os barcos todos, os trouxeram para este lado aprisionando 1 homem, e ferindo 2.

«A minha cavallaria apprehendeu na Venda do Duque o officio que remetto do Salazar Moscozo, em que se vê a escacez em que estão de meios.»

Eis o officio:

«Cópia authentica.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Accusando haver recebido o seu officio com data de 5 do corrente, sobre o seu contheudo cumpre-me dizer a v. ex.^a

«Se v. ex.^a tem instrucções do governo para occupar alguns dos dois pontos de Montemor-o-Novo ou Arraiollos, para maior facilidade das communicacões com Lisboa, n'este caso far-se-hão todos os esforços para se conseguirem mantimentos, porém tenho a ponderar a v. ex.^a que são escaços na actualidade, e apenas se poderão obter d'Elvas.

«Entendo pois que seria conveniente uma vez que não vá d'encontro ás instrucções que tinha para a occupação dos dois pontos referidos fazendo se a nossa junção n'esta villa por dois motivos, 1.^o haver facilidade em mandar vir d'Elvas alguns generos; 2.^o poder-se desarmar a guarda nacional de Portalegre e outras do mesmo districto; conseguindo isto não faltariam recursos, tanto de generos como outros que se precisarem, das menores povoações proximas d'esta villa, como Veiros, Souzel, Fronteira, Monforte, Borba, e Villa Viçosa, o que sendo em Arraiollos e Vimieiro, aquella por ter já dado mantimentos quando a columna de operações esteve em Evora, e esta por me constar não ser muito abundante de cereaes; á vista d'estas reflexões v. ex.^a julgará se devo ir a Arraiollos ou esperar aqui a v. ex.^a, na certeza que com o seu aviso obrarei como v. ex.^a entender mais proficuo e vantajoso ao serviço de S. M. a rainha.—Deus guarde a v. ex.^a—Quartel general em Estremoz, 6 de janeiro de 1847.—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. visconde de Setubal.—(Assignado) Barão d'Estremoz, marechal de campo, commandante interino da 3.^a divisão militar.»

A união dos portuguezes mortifica o governo. *Divide ut imperes* era uma boa maxima despolitica que não pôde realisar.

Miguelistas!!! Este nome significa muito quando o actual ministerio o quer desvirtuar. Sabemos o que elles são porque conhecemos as vir-

tudes do Sousa Azevedo, D. Manuel e Fariño.

Mas em todos os partidos ha homens de bem e o governo faz mal julgar todos os outros por si. Com esses homens de bem é que nós estamos unidos.

A guerra entre nós era boa para os projectos iniquos da côrte. Que importava que o sangue corresse? Com isso engordava ella.

A junção é um plano atroz! É sim, porque é a morte prompta dos oppressões.

Sois miguelista! e com esta invocação pensaram vencer a guerra.

Agora eis-os-ahi estonteando sem saberem o que hão de dizer. N'um dia reina a junção, no outro diz-se que os realistas não a querem. Uma pessoa muito fidedigna no Porto diz ao *Diario* em 10 do corrente que ali se davam vivas a Pedro V—diz depois que se verificára a liga setembro-miguelina, e que sabe que as bases d'esta liga são—«que para evitar interferencia estrangeira a bandeira aliada será a junta do Porto—que esta decretaria é em nome da nação—que a senhora D. Maria II será desthronada—que terminada a lucta, umas côrtes em que os miguelistas terão uma determinada representação, decidirão se a corôa deve ir a D. Pedro, filho do ex-marquez de Loulé;—que os miguelistas tirarão o tope vermelho, e deporão a bandeira de D. Miguel, ao menos por em quanto.»

Ora eis-aqui a folha official a fornecer-nos documentos pelos quaes se prova que vae abateo diante da junta a bandeira de D. Miguel. E estes documentos são de pessoa fidedigna. Tudo é provavel, segundo aquelle testemunho, menos a volta de D. Miguel.

A gente da situação está louca: não sabe o que ha de dizer: Cada folha do *Diario* é uma prova da sua demencia. Assim supprimiu elle o *Boletim de Braga* de 25 de dezembro, no qual se votavam os cabraes ao esquecimento, mas publicou o de 29, intimando-nos para o lermos e admirarmos!

Cumprimos as suas ordens—lêmos e admiramo-nos. Admiramo-nos da simpleza de bolitinista e do diarista, que publicam dois documentos contra producentes, admiramo-nos do governo que deixa correr um artigo em que se injuriam todos os caracteres liberaes, em que se calumniam todos os esforços para collocar a rainha no throno, e em que se fazem allusões insultuosas ás proprias pessoas dos actuaes ministros!

Lemos por tanto, e admiramo-nos: o paiz tambem se admirará comnosco. Vamos habilitalo para isso.

Diz o *Diario*:

«Digamol-o por uma vez.—A origem dos nossos males provem do erro de acreditarmos verdadeiro amor pela liberdade em todos quantos a tyrannia do usurpador sanguinario levou

«á emigração—ao exilio—ao homisio ou ao centro das masmorras.

«Quantos não arrebatou a torrente dos acontecimentos de 1828? Quantos o feroz systema «de perseguição não incorporou nas fileiras da «liberdade, que não só odiavam, mas até a tinham combatido.»

Admirae-vos, pios leitores! Não vedes ahi a mais pungente censura a todas as victimas da tyrannia? Não vedes ahi a insinuação de que o acrisolado amor da liberdade se achava refugiado no coração do intendente dos foros da Ajuda, Sousa Azevedo, no aclamador de D. Miguel Farinho, e no vice-rei da India D. Manuel? Não vedes que até nem se poupa o proprio Saldanha que se incorporou nas fileiras da liberdade depois de a ter combatido, calcando aos pés em Villa Franca o laço azul e branco?

Vêde agora como da penna do diarista sahem algumas verdades. Lêde o que elle diz, e admirai vos:

«Foi uma desgraça que o partido liberal recrutasse no campo das atrocidades miguelianas... Não se perseguiram unicamente opiniões liberaes. Em o acreditar esteve o grande erro.»

Lestes isto? Pois agora admirai-vos. Foi sim uma desgraça que o partido liberal recrutasse no campo das atrocidades miguelistas os tres ministros actuaes. D. Miguel nunca perseguiu o Souza Azevedo por liberal, porque lhe fizera relevantes serviços sustentando os seus direitos contra os da rainha, e se incorreu a final no seu desagrado não foi senão porque o intendente dos foros os hia mettendo no seu bolsinho em lugar de os metter no thesouro. Souza Azevedo foi desattendido ou despresado por D. Miguel como pouco limpo de mãos. «Houve por tanto grande erro em o acreditar liberal.»

Se vistes as necessidades do *Diario*, admirai agora as do boletim do Casal. Diz elle:

«A junta do Porto tinha feito persuadir á sua gente que o barão do Casal estava connivente com o Mac-Donell, e que todos estes preparativos eram manobra cabralista. Por outro lado Mac-Donell fazia saber aos seus que não lhes desse cuidado a divisão do barão do Casal, pois que elle o tinha fechado na mão—«expressão de que elle usava frequentemente.»

Ora quereis saber o que d'aqui conclue o Mecenaz do Casal? Conclue, nem mais nem menos, que o Mac-Donell estava de combinação connosco. Verdade é que o Casal e o escocez dizem o contrario, no entanto d'estas asserções deriva o boletinista a nossa cumplicidade.

Preparae ainda a vossa attenção para lerdes e admirardes.

Achou o Casal uma correspondencia de Mac-Donell, da qual publicou duas cartas. Supponmos serem as menos interessantes porque aquel-

le cavalheiro tem a generosidade de não querer convencer os seus adversarios. No fim da publicação vem este curioso *Nota bene*:

«Muitos outros documentos de summa importancia, tendentes ao mesmo fim, existem no quartel general da *divisão fiel* de operações, «os quaes se franquearão a quem desejar vê-los.»

Não vos admirae? Pois eu vos conto o que houve.

Hontem foram quatro papalvos do batalhão da carta pedir guia ao commandante para irem ao quartel general da *divisão fiel* vêr os sobreditos documentos, e o commandante negou-lha por não saber onde ella estava. As povoações do Alemtejo e Algarve despovoam-se para o mesmo fim.

Ora não valia mais ter publicado estes documentos do que haver uma revolução para ir tão longe ve-los?

Assim habilitado exclama o boletiuista d'esta sorte:

«A' vista, pois, dos immensos documentos «apprehendidos nos archivos de Mac-Donell, «quem poderá duvidar da connivencia e intelligencia, que tinha a junta e seus chefes com «os traioeiros planos dos sequazes do usurpador?»

Ninguem duvida de certo, e principalmente depois da leitura dos documentos. Nós vamos copiar trechos d'essas importantes cartas, e pedimos desde já ao publico que não se ria da simplicidade dos escriptores ministeriaes. Isto n'elles não é toleima, e os homens estão comprados pela junta do Porto. Diz uma carta de Coimbra, de 8 de dezembro:

«General..... Hoje aproveito o «portador para novamente ponderar que se nós «aqui ainda estamos secegados, é por falta de «ordem de v. ex.^a, e só por falta de ordem, «porque—apesar d'esta cidade estar fortificada, «e de termos contra nós alguns outros elementos com que não contávamos—nós poremos «peito á empreza logo que v. ex.^a o ordenar.»

.....«A junta de Lisboa recommenda-nos «no seu ultimo expresso que tratemos de abrir «a porta a uma transacção com os setembristas, «mas recommenda ao mesmo tempo que nada «se faça sem v. ex.^a ser ouvido e sem ordem «sua..... Advirto a v. ex.^a que com a demora correm aqui as nossas pessoas imminente risco; já hontem fomos avisados que se iam «tomar medidas a nosso respeito, em virtude «de uma circular d'este governo civil aos administradores de concelho; e note v. ex.^a que «se formos presos ficará muito mais difficil, e «quasi inutilizado o movimento d'esta provincia.»

Ora ahi fica um documento que em lugar de provar a cumplicidade e connivencia dos dois partidos, prova inteiramente o contrario. Agora vejamos uma carta do Porto dirigida ao mesmo Mac-Donell em 11 de dezembro. Ei-la:

«Meu caro. . . . Rogo-te e e recommendo-te que com esta falles ao sr. Mac-Donell, e o «faças saber que se torna absolutamente necessario que s. ex.^a declare em proclamações, «que nenhuma intelligencia tem com os seus «chefes do governo de Lisboa, inclusivè Casal, «Vinhaes, etc., etc., porque o *partido do governo* tem espalhado aqui que a força real é «disfarçada debaixo do nome de D. Miguel, «e occultamente em relação com o Casal e Vinhaes, para dificultar as operações da junta «do Porto; é necessario que conste aqui que «a cavallaria e infantaria que tem vindo apresentar-se ao sr. Mac-Donell o tem feito por «ser essa a opinião dos soldados, e tanto por «que todos os apresentados são soldados que «seguiram o rei até Evora; porque tem feito «espalhar (e a maior parte da junta está d'isso persuadida) que o Casal e Vinhaes tem «mandado infantaria e cavallaria ao sr. Mac-Donell a titulo de desertores ou apresentados, «afim do sr. Mac-Donell não poder ser batido «pelas forças do Porto. . . . E' de primeira necessidade destruir a idéa da intelligencia com «o partido de Lisboa.»

Lestes as cartas? E agora que admiraes?

As cartas provam muito, e fazem prova plena contra quem as produziu.

O *Diario* e o boletinista dizem que a junta do Porto fazia espalhar que Mac-Donell era conivente com o governo de Lisboa, e com o Vinhaes e Casal:—o documento prova que quem espalhava essa noticia eram os cabralistas, e que a junta simplesmente a acreditava!!! O documento, pois, desmente formalmente os idiotas que o apresentaram!!!

Ainda mais. Os amigos de Mac-Donell, que desejavam negociar com a junta, pediam áquelle cabecilha que declarasse não estar de accordo com os cabraes e Casal — Mac-Donell recebeu as cartas, mas nunca fez tal declaração!!!

Agora admiraes-vos da insipiencia com que se produzem uns documentos que prejudicam a causa do ministerio, e que favorecem a nossa. O povo do Minho foi illudido pelo Mac-Donell, e pelos cabralistas. Esse povo enganado acclamou a junta do Porto e arreou a bandeira de D. Miguel. Só Mac-Donell ficou em campo com a sua pessoa. Esse povo não adheriu porque estava d'accordo. Assim o provam os documentos, e elle não repelliu a imputação.

Eis-ahi como a evidencia sahe das folhas do governo que parece se encarregaram de sustentar a nossa causa. Agradecemos ao *Diario* as provas que nos forneceu.

Os jornaes francezes continuam a moralisar os negocios de Portugal, no mesmo sentido dos extractos que d'elles temos dado. Para não estarmos a copiar de todos, que seria quasi repetir o mesmo, escolhemos a *Semana*, de 3 do corrente que n'um exellente artigo de *revista exterior* sobre os negocios politicos do mundo, se exprime assim a respeito de Portugal:

«A attitude d'este ministerio (falla do ministerio hespanhol) em presença do que se passa em Portugal, é mais do que equivoca. A julgar dos seus sentimentos, e das suas intenções pela linguagem dos seus órgãos deveriamos acredita-lo fautor da odiosa violação das leis de que a rainha D. Maria se tornou culpada. Um dos primeiros cuidados da opposição liberal será interpeta-lo a este respeito, pedir-lhe severas contas da sua indiscreta intervenção, intervenção cujo menor inconveniente seria auctorisar a da Inglaterra n'um paiz, que se o deixarem entregue a si mesmo, não pôde deixar de se fazer justiça restabelecendo mesmo á custa d'uma rainha perjura, as instituições que ninguem tinha direito de violar, uma vez que o seu povo as respeitava.

«Mas a infatuação da côrte de Lisboa não se modera. Nem ella já admira a ninguem. D. Maria nunca accitou francamente o regimen constitucional. Esta princeza de espirito mesquinho, de caracter teimoso, e caprichosa, protestou sempre contra a abnegação que seu pae fizera do seu poder absoluto. A conspiração do Cabral para restaurar a carta de D. Pedro, foi tida pela côrte como uma transição.

«A rainha é verdade que prefere esta carta á constituição popular de 1838; mas de que ella gosta mais é d'um poder sem exame; e a insensata tentativa em que ella acaba de despenhar-se, violando todos os seus juramentos, não tem outro fim real senão substituir este poder a outro que era limitado por leis liberaes. Pôde ella consegui-lo? Não é provavel. A lucta quanto mais se prolonga maior probabilidade de triunfo promette á resistencia nacional...

«Como quer que seja apesar do cuidado arbitrario que teve a rainha D. Maria, de supprimir todos os jornaes, a verdade sempre apparece, e sabe-se que as suas tropas não poderam ainda fazer-se senhoras do Porto. A resistencia nacional está forte e vigorosa em todo o paiz. N'esta posição não é inutil que uma esquadra ingleza esteja ancorada defronte de Lisboa prompta a receber a seu bordo a côrte perjura no momento em que a colera do povo a obrigar a fugir como seu unico recurso e como seu ultimo castigo.»